

## ***Odisséia* 19.535–50: Da Interpretação dos Sonhos e Signos em Homero\***

LOUISE PRATT  
*Emory University*

Tradução: Leonardo Teixeira de Oliveira, 2006

No Canto XIX da *Odisséia*, Penélope se dirige ao disfarçado Odisseu sobre seu dilema: deveria ela continuar esperando por seu marido ou se casar com um dos pretendentes? A chegada de Telêmaco à idade adulta torna cada vez mais difícil o adiamento de um segundo casamento, e ela se sente envergonhada diante do leito de seu marido e da conversa das pessoas. Depois de se deter em alguns detalhes de seu dilema, Penélope muda de direção, pedindo ao mendigo para ouvir e interpretar um sonho (*Od.* 19.535–50):

ἀλλ' ἄγε μοι τὸν ὄνειρον ὑπόκριναι καὶ ἄκουσον.  
χῆνές μοι κατὰ οἶκον εἰέκοσι πυρόν ἔδουσιν  
ἐξ ὕδατος, καὶ τέ σφιν ἰαίνομαι εἰσορόωσα·  
ἐλθὼν δ' ἐξ ὄρεος μέγας αἰετὸς ἀγκυλοξειλῆς  
ἄθροοι ἐν μεγάροις. ὁ δ' ἐς αἰθέρα δῖαν ἀέρθη.  
αὐτὰρ ἐγὼ κλαῖον καὶ ἐκώκυον ἔν περ ὄνειρω.  
ἀμφὶ δ' ἔμ' ἠγερέθοντο ὅ μοι αἰετὸς ἔκτανε ξῆνας.  
ἂψ δ' ἐλθὼν κατ' ἄρ' ἔζετ' ἐπὶ προὔχοντι μελάθρω,  
φωνῆ δὲ βροτῆ κατερήτυε φώνησέν τε·  
“θάρσει, ὄναρ, ἀλλ' ὕπαρ ἐσθλόν, ὅ τοι τετελεσμένον ἔσται.  
Χῆνες μὲν μνηστῆρες, ἐγὼ δέ τοι αἰετός ὄρνις

---

\* PRATT, Louise. “Odyssey 19.535-50: On the Interpretation of Dreams and Signs in Homer”. In: *Classical Philology*, Vol. 89, No. 2, pp. 147-152 (Apr., 1994).

• Meu interesse na questão levantada neste artigo foi estimulado por uma conversa entre Helene Foley e minha colega, Christine Perrell. Sou grata a elas duas por suas considerações e particularmente grata a Christine por seus comentários ao artigo. Também agradeço às opiniões de C. Bannon, P. Bing, J. Pettit, e o anônimo CP, por suas úteis sugestões. Uma versão anterior do artigo foi publicada no encontro anual do CAMWS, Iowa City, Ia., 1993.

ἦα πάρος, νῦν αὖτε τεὸς πόσις εἰλήλουθα,  
ὄς πᾶσι μνηστῆρσιν ἀεικέα πότμον ἐφήσω.

Odisseu responde sem hesitar. Declara que é impossível interpretar o sonho desviando-o para outra direção (ἄλλη ἀποκλίναντ')<sup>1</sup>. Era o próprio Odisseu a contar a ela sobre como tudo se procedería, e a confirmar que os pretendentes seriam todos destruídos. O sonho oferece a chave para a sua própria interpretação, uma interpretação que, mais tarde, os fatos subsequentes revelarão estar correta desde o princípio. E de fato, se o sonho enuncia a sua própria mensagem com clareza, o pedido de Penélope para que o mendigo o interprete parece excessivamente cauteloso.

A despeito das palavras confidentes de Odisseu, há um elemento do sonho que, aos estudiosos, tem exigido explicações: a excêntrica reação de Penélope no sonho, nas linhas 541-43<sup>2</sup>, ao massacre dos seus gansos. Ela chora (κλαῖον) e se desespera (ἐκώκων), lamentando-se deploravelmente (οἴκτρ' ὀλοφυρομένην); a ação solidária das acaias em se reunirem à sua volta, da mesma maneira, centraliza a atenção para a sua dor. Qual será o significado desses elementos do sonho? Por que o poeta os inclui?<sup>3</sup>

Tentativas de se aplicar interpretações freudianas ao sonho, em que as lágrimas de Penélope sinalizariam um afeto reprimido pelos pretendentes, têm certamente sido criticadas por pesquisadores que trabalham com os sonhos na Antiguidade<sup>4</sup>. Diversos pesquisadores têm apontado que a noção

---

<sup>1</sup> ἀποκλίναντ' pode ser tomado como intransitivo, "deixando de lado (a si mesmo)", i.e., "evitando, esquivando-se" (A. H. M. Kessels, *Studies on the Dream in Greek Literature* [Utrecht, 1978], p. 122, n. 44), ou como transitivo, com o sonho como um objeto compreendido, i.e., "torcendo e distorcendo o significado do sonho" (R. B. Rutherford, ed., *Homer: Odyssey, Books XIX and XX* [Cambridge e Nova Iorque, 1992], pp. 195-96. Em qualquer caso, a frase deve indicar algum tipo de evasão ou distorção de significado.

<sup>2</sup> M. A. Katz, *Penelope's Renown: Meaning and Indeterminacy in the Odyssey* (Princeton, 1991), p. 146, oferece um útil sumário de diferentes posturas assumidas por estudiosos sobre o sonho e uma bibliografia relatada. Para discussão especificamente sobre as lágrimas de Penélope, ver também E. R. Dodds, *The Greeks and the Irrational* (Berkeley e Los Angeles, 1951), p. 123, n. 21; Rutherford, *Odyssey XIX and XX*, pp. 194-95.

<sup>3</sup> Ou "por que Penélope os incluiu?", se, como Winkler e outros, quisermos ler o sonho como uma ficção preparada por Penélope para poder se comunicar ocultamente com o mendigo. (J. J. Winkler, "Penelope's Cunning and Homer's," em *Constraints of Desire: The Anthropology of Sex and Gender in Ancient Greece* [Nova Iorque e Londres, 1990], p. 153). Minha leitura não exclui nossa imaginação de que Penélope teria inventado a estória do sonho.

<sup>4</sup> Para argumentos da interpretação freudiana, ver bibliografia citada em Kessels, *Studies on the Dream*, pp. 118-19, n. 27; também J. Russo, "Interview and Aftermath: Dream,

moderna dos sonhos como um repositório de desejos inconscientes, simbolicamente codificados, é inteiramente estranha ao pensamento antigo<sup>5</sup>. Não que os sonhos não possam expressar o estado emocional ou as preocupações de quem sonha; Penélope os reconhece quando diz que sempre se lembrará de Ítaca, ao menos em seus sonhos (*Od.* 19.581 = 21.79; cf. sua descrição do seu sonho em *Od.* 20.87-90). Mas a noção freudiana de repressão, que nos compele a esconder nossos sentimentos de nós mesmos ao codificá-los simbolicamente, a ponto de serem revelados apenas através de análise, é totalmente ausente. Portanto, embora quem sonhe possa expressar certo estado emocional durante o sonho, as emoções não são nem disfarçadas no sonho nem desconhecidas pela sonhadora. Sonhos codificados, ao contrário, tradicionalmente transmitem informações sobre o futuro; sua interpretação leva à revelação da realidade externa, e não interna. Conseqüentemente, parece atípico que a poesia homérica usaria um sonho para revelar a inconsciência reprimida de Penélope.

Além disso, críticos da interpretação freudiana têm apontado que, no sonho, Penélope se lamenta *antes* da águia oferecer sua interpretação. De fato, a interpretação é oferecida em resposta ao seu lamento, como uma maneira de confortá-la. A águia percebe seu pranto e diz “Fica tranqüila” (θάρσει). Portanto, argumentam esses pesquisadores, penso eu que persuasivamente, quando Penélope se lamenta em seu sonho ela ainda não pôde perceber o verdadeiro significado do que viu; inicialmente, ela ainda não faz a equação “pretendentes = gansos”<sup>6</sup>. Tal leitura alternativa do choro

---

Fantasy and Intuition in *Odyssey* 19 and 20”, *AJP* 103 (1982): 4-18 e idem, *A Commentary on Homer’s Odyssey*, vol. 3 (Oxford, 1992), p. 102. Para suas críticas, ver Kessels, esp. pp. 93-95, e Rutherford, *Odyssey XIX and XX*, pp. 194-95. Outros intérpretes recentes (e.g., N. Felson-Rubin, “Penelope’s Perspective: Character From Plot”, em *Homer: Beyond Oral Poetry. Recent Trends in Homeric Interpretation*, ed. J. M. Bremer, I. J. F. de Jong, e J. Kalff [Amsterdã, 1987], pp. 72-74, e Katz, *Penelope’s renown*, pp. 146-47) entendem o sofrimento de Penélope como sinal de afeição pelos pretendentes, sem contudo evocar a noção de repressão. Mas essa linha de interpretação depende implicitamente de suposições freudianas, pois Penélope não admite em nenhum momento qualquer afeição pelos pretendentes, e abertamente deseja a morte deles (*Od.* 17.545-47). E o significado exterior mais *óbvio* do texto é o de que ela chora pelos gansos.

<sup>5</sup> Kessels, *Studies in the Dream*, pp. 91-98; J. J. Winkler, *Constraints*, pp. 23-43; S. R. F. Price, “The Future of Dreams: From Freud to Artemidoros”, em *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*, ed. D. M. Halperin, J. J. Winkler, e F. I. Zeitlin (Princeton, 1990), pp. 365-87.

<sup>6</sup> Kessels, *Studies in the Dream*, pp. 94; Rutherford, *Odyssey XIX and XX*, pp. 194-95; Felson-Rubin, “Penelope’s Perspective”, p. 72, sugerem que Penélope questiona a equação

de Penélope como simplesmente uma reação natural ao que ela imagina ser, em seu estado de sonho, a real destruição dos seus gansos domésticos é possível<sup>7</sup>. Entretanto, a extravagância da reação de Penélope e o detalhamento com que ela é descrita parecem desproporcionais à (sonhada) perda dos gansos. Particularmente, a ação solidária das acaias em se reunirem à sua volta parece estranha, uma violação da economia da narrativa, se o ponto era apenas que Penélope a princípio não havia interpretado o significado do sonho. Dado que Penélope introduz o sonho a Odisseu com um comando para interpretá-lo, e durante toda a discussão parece preocupada sobre o significado de um sonho que pareceu óbvio demais a outros intérpretes, precisamos estar particularmente alertas para a possibilidade de significados que não estão superficialmente evidentes na narrativa.

Sugiro, portanto, que a intensa reação de Penélope aponta para uma interpretação alternativa, mais negativa do massacre de seus gansos, que compete com a predição otimista da águia. A possibilidade de uma interpretação alternativa ao signo da águia e dos gansos no sonho explicaria tanto o questionamento de Penélope ao mendigo para interpretar o sonho, na linha 535 – um ato que parece desnecessário em vista da enunciação explícita da mensagem do signo pela águia –, quanto a resposta de Odisseu<sup>8</sup> ao seu pedido, nas linhas 555-58, em que ele rejeita a possibilidade de que uma outra interpretação pudesse ser aceita para o sonho ao se desviá-la para uma outra direção (ἄλλη ἀποκλίναντ’). Ao dizer isso, ele parece reconhecer que ela se permite construir o sonho de alguma outra maneira, omitindo alguma interpretação alternativa que perverte a clara mensagem do sonho.

A interpretação da águia é tão bem sucedida em termos de narrativa que estudiosos nunca consideraram poder haver qualquer outro significado

---

“pretendentes = gansos” apenas depois de acordar e ver os gansos realmente vivos (*Od.* 19.536-37).

<sup>7</sup> Para o hábito de manter gansos como animais domésticos na Antigüidade, ver D. W. Thompson, *A Glossary of Greek Birds* (Hildesheim, 1966), p. 329 e F. Olck, “Gans”, *RE* 7 (1910): 709-35. G. Herrlinger, *Totenklage um Tiere in der antiken Dichtung* (Stuttgart, 1930), esp. pp. 1-28, preserva evidências antigas de forte reação emocional à morte de animais de estimação, embora seus exemplos verdadeiros envolvam cães e cavalos. Os dois epigramas dedicados a um ganso são modernos e satíricos.

<sup>8</sup> Mas para debate sobre o significado de ὑπόκριναι, ver Kessels, *Studies on the Dream*, pp. 28-35 e discussão e bibliografia citadas em Sullivan sobre κρίνω no *Lexikon des frühgriechischen Epos*, vol. 2 (Göttingen, 1991), coll. 1542-45.

para a destruição dos gansos; o texto claramente autoriza essa interpretação<sup>9</sup>. E ainda o contexto em que Penélope pede ao mendigo para interpretar o sonho e em que reflete sobre a natureza potencialmente enganosa dos sonhos (19.560-69) parece exigir considerações daquilo que entendemos sobre problemas de interpretação. Embora as bem-sabidas observações de Penélope sobre a dificuldade de se considerar os sonhos pareçam, para mim, assim como para a maioria dos pesquisadores, mais preocupadas com a validade da mensagem do sonho do que com sua significância, sua caracterização dos sonhos como ἀκριτόμυθοι (“difíceis de interpretar”) sugere que ela está preocupada também com a dificuldade de interpretação dos sinais ambíguos do sonho.

Mas o que mais a destruição dos gansos pela águia poderia significar? Os gansos aprumados a se alimentarem de cevada fazem um símbolo altamente apropriado para a cobiça dos pretendentes. Como Penélope – e a audiência homérica, que presumivelmente teria de reconhecer a possibilidade de uma interpretação alternativa para poder seguir a lógica da narrativa que estou propondo – poderia ver qualquer coisa no massacre dos gansos que não o que a águia indicava?

Ao se responder essa questão, é essencial reconhecer a categoria homérica a que o sinal da águia e dos gansos pertence. Não se trata do tipo de símbolo que os modernos associam aos sonhos, um símbolo que codifica secretamente emoções irreconhecidas. Trata-se antes de um tipo de símbolo que seria muito familiar à audiência homérica, embora não associado aos sonhos em outras passagens da poesia homérica: trata-se de um signo de

---

<sup>9</sup> Não apenas os fatos subseqüentes validam a interpretação da águia, mas também a descrição dos gansos se alimentando parece reverberar a descrição de Penélope dos pretendentes na linha 534. Ademais, em uma passagem anterior do poema (*Od.* 15.160-81), Helena interpreta uma águia matando um ganso como o significado do retorno de Odisseu e a destruição dos pretendentes, embora, neste contexto, demasiadas questões de interpretação sejam levantadas. Helena voluntaria seus serviços de intérprete apenas depois de Nestor e Menelau demonstrarem incerteza sobre o significado do sinal, oferecendo ela mesma duas interpretações levemente diferentes (176-78). (Para outras passagens homéricas que discutem a dificuldade de interpretar sinais que envolvem aves e que admitem a possibilidade de interpretações alternativas, ver *Od.* 2.178 e *Il.* 12.232-50). Em qualquer caso, não discordo de que a interpretação da águia esteja correta, mas sugiro apenas que a caracterização de Penélope permite nossa suposição de que ela interpreta o sinal de outra maneira.

ave<sup>10</sup>. E, se considerarmos as reações antigas aos signos de aves, há um detalhe no signo que poderia apontar para uma significância alternativa: há vinte gansos. Os números tendem a possuir significância nos signos de aves. Não há vinte pretendentes<sup>11</sup>. Mas vinte é um número significativo na *Odisseia*, pois é dito repetidamente que este é o vigésimo ano em que Odisseu se encontra ausente. Ademais, sabemos pela interpretação de Calcas, pelo augúrio dos pássaros destruídos por uma cobra em *Ilíada* 2.308-20, que o número de criaturas destruídas pode representar não o número de mortes, mas antes um período de anos. Se Penélope e a audiência fossem seguir as estratégias de Calcas para a interpretação dos signos de ave, eles bem poderiam ver na destruição dos vinte gansos o fim de um período de vinte anos. E a partir da perspectiva de Penélope, este é um momento altamente ambíguo. Isso significa o fim de sua espera por Odisseu, mas, como ela mostra em sua fala imediatamente anterior ao sonho, isso poderia significar ou que Odisseu retornou ou que ela deveria parar de esperar por seu marido e aceitar um outro entre os pretendentes. Quando chora em seu sonho, Penélope parece ter escolhido a interpretação mais negativa<sup>12</sup>. Portanto, sugiro que o pranto de Penélope sinaliza para a audiência homérica que para ela os vinte gansos inicialmente representam vinte anos de fiel espera por seu

---

<sup>10</sup> Outros exemplos na poesia homérica da aparição de uma águia são frequentemente entendidos como sinais de Zeus, exigindo interpretações. A identificação do símbolo como um signo de ave é importante, porque a anomalia de um símbolo usado em um sonho homérico tem compelido os pesquisadores a se voltarem para categorias modernas para se auxiliarem na interpretação dos símbolos do sonho (ver, e.g., Russo, "Interview and Aftermath", p. 102).

<sup>11</sup> Em *Od.* 16.245-53, Telêmaco diz que não há dez ou vinte pretendentes, mas muito mais do que isso.

<sup>12</sup> Minha leitura supõe que Penélope já havia percebido no sonho o signo de ave e sua significância negativa. Esta estrutura se conforma a um padrão homérico típico, pelo qual a aparição de uma ave é imediatamente seguida por uma resposta emocional da audiência (ver *Od.* 15.160-81, *Il.* 12.200-229, 10.274-77, 24.314-20). Uma interpretação, quando oferecida, sucede a resposta emocional; contudo, normalmente a interpretação confirma a primeira reação emocional. P. Bung sugere que é mais plausível supor que Penélope reconhece o signo de ave e o interpreta apenas depois de acordar. Embora, por padrões modernos de plausibilidade, essa leitura possa ser mais fácil, eu considero mais difícil imaginar como a narrativa geraria essa leitura para uma audiência antiga. Em qualquer caso, Penélope narra o sonho já o tendo inquirido por sua significância; sua viva narrativa do sonho esclarece a percepção da audiência da significância de sua reação no sonho.

marido, vinte anos em que ela toma um certo orgulho (ιαίνομαι), vinte anos perdidos, destruídos pelas águias enviadas por Zeus<sup>13</sup>.

Esta interpretação parece justificável em termos de reações aos signos de aves. Por mais apropriado que possamos achar os gansos comedores de cevada como símbolos para a voracidade dos pretendentes, uma vez que a equação foi dada, não podemos assumir que os detalhes do signo que parecem mais significantes para nós fossem de significância primária para um intérprete homérico. Nenhum dos outros três signos de aves na *Odisséia* que predizem a destruição dos pretendentes por Odisseu menciona a alimentação das aves; é simplesmente a ação da águia destruindo as outras aves que significa a destruição dos pretendentes (*Od.* 2.145-54, 15.160-65, 20.242-43). Nem Penélope e a audiência homérica pensariam necessariamente nos pretendentes em conexão com os gansos, pois gansos têm ao menos duas significâncias alternativas que poderiam ser particularmente sentidas fortemente em associação a Penélope.

Os gansos de Penélope poderiam ser tomados como símbolos de sua fidelidade conjugal. Citando o folclore e a literatura chinesa, Kretschmer argumenta que as conexões etimológicas e mitológicas entre Penélope e os penelopes, um tipo de pato ou ganso (os dois não são perfeitamente distinguidos), deveriam ser explicadas por suas reputações de fidelidade conjugal. Ele sugere que a associação de gansos com Penélope, aqui, também reflete uma concepção folclórica tradicional dos gansos como leais, parceiros para toda a vida<sup>14</sup>. A literatura grega não dá explicitamente aos gansos e patos essa característica, embora a freqüente associação de gansos e patos com Afrodite e Eros, particularmente na arte, possa refletir essa concepção tradicional como amantes fiéis<sup>15</sup>. Melhor atestada na literatura grega é a associação de gansos, particularmente gansos domésticos, com a prudente proteção do lar. Aristóteles, por exemplo, dá ao ganso a característica de um

---

<sup>13</sup> Em uma interpretação posterior do sonho, uma águia representa o ano atual (ver *Artem.* 2.20), embora Artemidoro vincule isto a uma pronúncia não-homérica (ἀετός = α + ετος).

<sup>14</sup> P; Kretschmer, “Penélope”, *Anz. Akad. Wiss. Wien* 82 (1942): 80-93. Sobre Penélope e os penelopes, ver também J. A. K. Thomson, *Studies in the Odyssey* (Oxford, 1914), pp. 48-49 e E. Wüst, “Penelope”, *RE* 19 (1937): 461-63. Para etimologias alternativas de Penélope, ver discussão e material citado por Russo, “Interview and Aftermath”, p. 81.

<sup>15</sup> Sobre gansos e o erótico, ver Olck, “Gans”, coll. 722, 729-32, e referências em Thompson, *Greek Birds*, p. 329.

prudente guardião (seus ἦθεα são αἰσχυντηελά και φυλακτικά, HA 488b20). Em um epigrama helenístico, um ganso aparece na lápide de uma mulher para representar, assim diz o epigrama, “sua cuidadosa proteção do lar”. (δόμων φυλακᾶς μελεδήμονα, Antip. Sid. 7.425.7)<sup>16</sup>. Assim, os gansos podem ser tomados para representar a fiel proteção do lar por Penélope, violentamente destruída depois de um período de vinte anos. Se aos gansos de Penélope eram tradicionalmente dados esta ou aquela ou ambas dessas possíveis significações, sua perda carrega uma mensagem poderosa.

Para a audiência homérica, a resposta de Penélope aos gansos poderia significar que ela, a princípio, vê no massacre dos seus gansos a perda de seu primeiro marido e mantenedor da casa. Pois em seu sonho Penélope não só chora, mas é absorta em algo que parece ser totalmente lutuoso. A forte linguagem da passagem, particularmente o verbo κωκύω e a frase οἴκτρ’ ὀλοφυρομένη, é em outra parte associada precisamente com a perda de membros da família<sup>17</sup>. A ação das acaias em se reunirem à sua volta é também um motivo freqüentemente associado com lamentação na poesia homérica<sup>18</sup>. Assim, em sua análise da *Ilíada* 24, John Miles Foley argumenta que a participação de mulheres subordinadas em cenas típicas de lamentação, “por si mesmo não um detalhe ‘necessário’ ou ‘lógico’ – ajuda a definir sua identidade estrutural como uma categoria cognitiva. De fato, o coro provido por essas preces menores é claramente não-essencial para o ato individual de lamentação; antes, o fato delas serem institucionalmente incluídas trai a

---

<sup>16</sup> Ver também a sugestão de L. Stephani (*Compte-rendu de la comission impériale archéologique pour l'année 1863* [São Petersburgo, 1864], pp. 21-22) de que na arte o ganso simboliza a dona de casa prudente; outras passagens em Thompson, *Greek Birds*, p. 329.

<sup>17</sup> κωκύω é usado quatro vezes na *Odisséia*, três vezes para descrever mulheres lamentando-se pela morte de seus maridos (*Od.* 4.259, 8.527, 24.295), a quarta para descrever a reação de Euricléia ao anúncio de Telêmaco de que ele iria viajar, onde ela declara seu medo de que ele em breve venha a morrer (*Od.* 2.361). No hexâmetro homérico, a palavra é consistentemente usada para descrever a expressão de uma mulher em lamento pela morte de seu marido, filho, ou irmão, ou seus medos por sua mortalidade (*Hin. Hom. Cer.* 245, *Il.* 18.37, 18.71, 22.407, 22.409, 22.447, 24.200, 24.703). A frase οἴκτρ’ ὀλοφυρόμενος em *Od.* 4.719, onde Penélope chora a (imaginada) perda de Telêmaco e Odisseu; em *Od.* 10.409, onde os companheiros de Odisseu choram por ele, acreditando que ele estava morto (eles são comparados a bezerros chorando por suas mães); e em *Od.* 24.58-59, onde as nereidas choram por Aquiles.

<sup>18</sup> J. M. Foley, *Immanent Art: From Structure to Meaning in Traditional Oral Epic* (Bloomington e Indianapolis, 1992), pp. 257-59. Para esta ação associada a lamentação, ver *Od.* 4.719-20, 24.58-59, *Il.* 18.37, 22.407-9.

qualidade nominal da cena típica”<sup>19</sup>. Assim, detalhes que podem parecer menores e insignificantes aos leitores modernos ajudam a audiência homérica a ver que, dentro do sonho, Penélope reage ao signo como que convencida de que ele significa que seu marido está morto; o gesto familiar de apoio público para uma pessoa em sofrimento significa para a audiência, educada na tradicional *σήματα*, que Penélope, no sonho, chora por seu marido.

Assim, o pedido de Penélope para que o mendigo lhe interprete o sonho procede diretamente da descrição de seu atual dilema, um dilema que a atormenta durante toda a *Odisséia*. Como Nancy Rubin comenta, “ela é incessantemente atormentada pela questão: ‘Estou me movendo irrevogavelmente em direção a uma nova união ou em direção a uma reunião?’”<sup>20</sup>. O problema da interpretação do signo do sonho parece incorporar precisamente essa incerteza. Por uma interpretação, ela deveria esperar, pois Odisseu voltará em breve para casa e destruirá os pretendentes. Por outra, seus vinte anos de espera não têm servido a nada; ela deve prantear seu marido e tomar um novo. Que Penélope pareça em dúvida na interpretação do signo de ave oferecida pelo sonho por uma águia, e tema uma outra interpretação, menos positiva, é típica de sua postura cética e cautelosa nos cantos finais da *Odisséia*.

---

<sup>19</sup> Ibid., pp. 158-59.

<sup>20</sup> “Penelope’s Perspective”, p. 63.